

*Da Tivonã p. & p. a*  
RELACAM ANNAL  
DAS COVSAS  
QVE FEZERAM  
OS PADRES DA COMPANHIA  
DE IESVS NAS PARTES DA INDIA  
Oriental, & no Brasil, Angola, Cabo verde, Guine, nos annos  
de seiscentos & dous & seiscentos & tres, & do pro-  
cesso da conuertam, & christandade daquellas par-  
tes, tirada das cartas dos mesmos padres  
que de lá vieram.

*Pelo padre Fernam Guerreiro da mesma  
Companhia, natural de Almodouvar  
de Portugal.*

Vay diuidido em quatro liuros. O primeiro de Iapã  
O II. da China & Maluco. O III. da India.  
O IIII. do Brasil, Angola, & Guiné.



*Em Lisboa: Per Iorge Rodrigues im-  
pressor de liuros.*

ANNO M. D. CV.

# Assalto Holandês a Macau, 1601

Fernão Guerreiro, S. J.



Encontramos neste trecho uma versão portuguesa dos acontecimentos vividos em Macau

entre finais de Setembro e os primeiros dias de Outubro de 1601, em consequência do confronto com os três navios holandeses capitaneados pelo almirante Jacob van Neck. A redacção é da autoria do jesuíta português Fernão Guerreiro e apareceu integrada no volume II das suas *Relações anuais* sobre as actividades dos missionários da Companhia de Jesus da Província de Portugal, publicado em Lisboa em 1605. Responsável durante algum tempo pela Casa de Provação do Monte Olivete, situada nos arredores de Lisboa, o padre Guerreiro foi ainda vice-propósito da Casa Professa do Colégio de S. Roque. Pelas funções que ocupava, tinha acesso privilegiado à correspondência remetida de além-mar pelos seus confrades. Os assuntos relativos à Missão da China mereceram-lhe uma atenção constante ao longo dos cinco volumes que publicou em Portugal entre 1603 e 1611 com base nessa mesma correspondência missionária. Neste caso, as fontes que utilizou permitiram-lhe reconstituir com bastante detalhe as medidas defensivas adoptadas em Macau assim que foi presentida a chegada da armada de Van Neck. Em paralelo, esta reconstituição do episódio macaense de 1601 permite-nos vislumbrar o ambiente religioso – com toda a intransigência típica da Contra Reforma – que enquadrou o suplício dos cativos holandeses.

Fonte utilizada: Fernão Guerreiro, S. J., *Relação Anual das Coisas que Fizeram os Padres da Companhia de Jesus nas Partes da Índia Oriental* [tomo II, 1605], ed. Artur Viegas [Coimbra: Imprensa da Universidade, 1930, vol. 2, pp. 236-237]. Texto modernizado por Rui Manuel Loureiro.

This passage is found in a Portuguese version of the events that took place in Macao

between the end of September and the first days of October 1601, resulting from the fight with the three Dutch ships under the command of Admiral Jacob van Neck. The author is the Portuguese Jesuit Fernão Guerreiro and the text appeared as part of volume II of his *Relações anuais* on the activities of the missionaries of the Society of Jesus of the Province of Portugal, published in Lisbon in 1605. For a period, Father Guerreiro was responsible of the Casa de Provação do Monte Olivete, located in the outskirts of Lisbon, and vice-rector of the Casa Professa do Colégio de S. Roque. Due to his position, he had privileged access to the overseas mail dispatched by his colleagues. The affairs concerning the Mission to China deserved his constant attention throughout the five volumes he had published in Portugal between 1603 and 1611 based on that very correspondence. In this case, the sources he used allowed for a rather detailed reconstruction of the defence measures adopted in Macao as soon as the arrival of Van Neck's armada was foreseen. Simultaneously, this reconstruction of the Macanese episode of 1601 allows a glimpse into the religious atmosphere – steeped in the typical intransigence of the Counter Reformation – which surrounded the suffering of the Dutch prisoners.

Source: Fernão Guerreiro, S. J., *Relação Anual das Coisas que Fizeram os Padres da Companhia de Jesus nas Partes da Índia Oriental* [tome II, 1605], ed. Artur Viegas [Coimbra: Imprensa da Universidade, 1930, vol. 2, pp. 236-237]. The text was updated by Rui Manuel Loureiro.

## ENCONTROS E DESENCONTROS EUROPEUS NO MAR DO SUL DA CHINA II

Houve este ano nestas partes grandíssimas tormentas, assim no mar como na terra. As da terra foram tão bravas que derrubavam as casas e, quando menos, destelhavam as telhas. No nosso Colégio [de S. Paulo], por estar em sítio alto, fizeram grande dano, derrubando parte dele, que por suceder depois de reparado do incêndio não causou pequena perda. No mar, entre outros danos, [a tormenta] deu à costa daqui a catorze léguas com uma das naus que vinham da Índia, na qual, além das drogas, se perderam só em *reales* quatrocentos mil pardaus, que era quase todo o cabedal da gente da Índia de negócio. Morreu também muita gente afogada e outra lanceada e ferida com a pregadura e lanças que andavam sobre as ondas do mar. E antes que se perdesse a nau, algumas pessoas também foram mortas com um raio que sobre ela caiu. Outras duas naus – em uma das quais vinham dez padres nossos – chegaram aqui destroçadíssimas, principalmente a dos padres, a qual temos que Deus livrou milagrosamente, conforme ao extremo de perigo a que chegou, pelos muitos serviços que os padres nela tinham feito.

Um dia depois da chegada destas naus apareceram ao mar outras três, que vinham tão seguras e com as velas tão estendidas como se não lhes tocara a tormenta passada. Eram duas delas grandes e um patacho pequeno<sup>1</sup>. Entendeu-se logo serem de inimigos, porque nenhuma se esperavam de parte alguma, por serem chegadas as da Índia e não haver monção para virem doutra parte. E porque esta cidade não tem muros nem fortaleza nem presidio algum de artilharia e soldadesca<sup>2</sup>, não se dando os [cidadãos] da terra por seguros em suas casas, recolheram toda [a] sua prata e mais fato neste Colégio [de S. Paulo], pedindo juntamente ao Padre Reitor que, em caso que os inimigos tentassem desembarcar, lhes desse licença para suas mulheres e famílias se recolherem da nossa cerca para dentro. Porque, ganhando os inimigos a praia, determinavam retirar-se ao Colégio, por estar mais alto e defensável, e se caso fosse que Deus os quisesse castigar, permitindo que os inimigos

prevalecessem, se consolavam [de] acabar entre os padres. Estava aqui por capitão-mor Dom Paulo de Portugal, que logo pôs com muita presteza em ordem a gente que havia na terra, no melhor modo que a brevidade do tempo sofreu e se foi pôr no posto para onde os inimigos [se] encaminhavam. Os quais, surgindo bem perto de terra com grandes bandeiras brancas por popa, lançaram um esquife da nau capitânia, que com onze homens se veio chegando a terra para reconhecer a saber onde estavam. Este [esquife] foi logo tomado por uns barcos nossos, e trazidos dois deles diante do capitão, onde disseram ser holandeses que vinham buscar veniagas e assentar comércio naquelas terras. E porque alguns dos outros companheiros destes disseram que as naus traziam setecentos homens, estiveram os nossos toda a noite em vigia.

Ao outro dia pela manhã, vendo os inimigos que os seus do esquife não tornavam, lançaram o patacho, o qual vinha entrando pelo canal defronte da cidade e sondando a entrada. Saíram-lhe três ou quatro embarcações nossas, que logo o tomaram com nove homens, em que entravam o piloto e [o] feitor da nau capitânia<sup>3</sup>, quatro peças de artilharia e outros apetrechos de guerra. As naus, vendo tomado [o] seu patacho, se levantaram logo e foram surgir dali a dezoito ou vinte léguas, o que sabendo o capitão-mor [logo] armou seis navios de remo, e estando já prestes e embarcado para os ir buscar lhe veio recado que eram idos. Dos que ficaram presos, morreram os mais deles por justiça, mas foi Nosso Senhor servido que, por meio dos nossos [padres], todos se reduziram e acabaram confessando a fé católica e obediência ao Sumo Pontífice. Confessaram-se sacramentalmente muitas vezes e mostraram que morriam mui consolados, pedindo perdão a Deus e aos circunstantes. **RC**

*Nota do Editor:* Muito embora este texto tenha sido anteriormente publicado na *Revista de Cultura* n.º 31 (Abril/Junho 1997), pareceu justificar-se a sua inclusão nesta antologia por se tratar de um dos raros depoimentos portugueses sobre o grande assalto holandês a Macau.

## NOTAS

- 1 Referência aos navios de Jacob van Neck, que pouco antes haviam atacado a fortaleza portuguesa de Tidore.
- 2 Nos primeiros anos do século XVII, Macau ainda não possuía edificações militares, quer pela proibição imposta pelos mandarins

- 3 Respectivamente Jan Dirckszoon e Martinus Apius.